

## (DES)IGUALDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE ASPECTOS MACHISTAS E FEMINISTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

André Luis do Nascimento Mont' Alverne<sup>1</sup>  
Rosana Cabral Pinheiro<sup>2</sup>  
José Edson Ferreira da Costa<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A verificação de questões de gênero dentro do âmbito educacional torna-se cada vez mais relevante na sociedade atual. Atribuir significados e trabalhar constantemente este assunto na escola podem colaborar significativamente no desenvolvimento social dos estudantes.

Pelo contexto em que os alunos estão inseridos hoje em dia, é quase inaceitável quando apontam nunca terem vivenciado aulas que envolvessem esse trabalho mais direto sobre questões de gênero, ou até mesmo a participação em debates que abrangessem esse tema de maneira satisfatória. Sem estas discussões na escola, o ambiente se torna muito propício para esses tipos de argumentação. O surgimento e o desenvolvimento de preconceitos e paradigmas são notórios, fazendo com que problemáticas e situações difíceis tornem-se progressivamente mais casuais dentro e fora da escola.

A importância desse tema advém principalmente de uma sociedade altamente machista que, historicamente, manifesta uma superioridade masculina que reflete até os dias atuais. Sendo assim, o objetivo primordial deste estudo foi examinar e entender a percepção de estudantes do ensino médio a respeito dessa ambientação machista atual, além de obter comparações sobre as diferenças destes discernimentos e opiniões em ambos os sexos biológicos e buscar o entendimento com relação à igualdade de gênero nas aulas de Educação Física.

Antes de colocarmos os vínculos do tema proposto neste trabalho com a educação física, é importante, inicialmente, relatarmos os conceitos daquilo que adequam o estudo. Não há como falar sobre machismo ou até mesmo o movimento feminista sem antes conceituarmos o que se refere ao gênero. São muitas as definições desta palavra, uma vez que, como dito anteriormente, estas discussões aumentam gradativamente, no entanto, atribuímos na pesquisa aquelas que consideramos se adequarem mais. Então, Vianna e Ridenti (1998) afirmam que:

[...] gênero começou a ser utilizado como uma maneira de se referir à organização social entre os sexos, de insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseada sobre o corpo, e de destacar o caráter relacional das distinções normativas de feminilidade e da masculinidade, isto é, mulheres e homens passam a ser definidos em termos recíprocos. Gênero remete, portanto, a uma tentativa de incorporar, na análise, aspectos que são socialmente construídos, observando que

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Juazeiro do Norte, andremukasey@outlook.com;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Juazeiro do Norte, sanapinho2015@gmail.com;

<sup>3</sup> Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Juazeiro do Norte, edson-ef@hotmail.com.

cada cultura define o que é masculino e feminino. Ou seja, trata-se de definições mutáveis, que podem e, por vezes, devem ser alteradas. (p. 97).

Nesse aspecto, nota-se claramente a conexão do gênero com a construção social que leva em consideração principalmente os fatores biológicos para a estruturação da sociedade atual. No entanto, não há como falar sobre gênero e deixar de lado os fatores culturais que afetam diretamente estas construções. O que se entende por homem e mulher certamente é diferente em outras culturas que se adequaram em concepções muito diferentes das nossas. Assim como, os conceitos destes sexos biológicos mudaram consideravelmente na nossa própria sociedade ao longo do tempo. Cinquenta anos atrás, por exemplo, não se via mulheres em determinados campos de trabalho em que podemos observar hoje, em muitas ocasiões até mesmo mais que homens.

Todavia, a referência anterior, atribui pensamentos de aproximadamente vinte anos atrás. Não que esta perca o seu valor com o passar do tempo. Pelo contrário, a contextualização deste debate em tempos anteriores é tão importante como hoje e, sem ela, as discussões atuais tornam-se bem mais limitadas. Entender os processos anteriores e como eles se desenvolveram na nossa sociedade possui uma relevância direta neste campo de trabalho em muitos outros que possam estar envolvidos, o que atualmente possui um número extenso.

Então, numa discussão mais atual, colocamos em xeque os significados de gênero e sexualidade que, por muito tempo, foram vislumbrados separadamente. O sexo sempre esteve ligado às questões biológicas, no que se atribuíam simplesmente ao ser homem e ao ser mulher. Neste sentido, é como se houvesse características específicas para determinado indivíduo apenas pela diferenciação dos genes. Por sua vez, o gênero formou-se numa esfera social, onde nos indivíduos eram construídos e desenvolvidos em virtude dos aspectos sociais e culturais que os acercam. No entanto, contrariando estes pensamentos anteriores que tanto rodeiam nossa sociedade até os dias atuais, uma das maiores filósofas em estudos sobre questões de gênero, Butler (2010, p. 25) considera que “se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído quanto gênero; a rigor, talvez o sexo tenha sido o gênero, de tal forma que a discussão de sexo e gênero se releva em absolutamente nenhuma.”. Então, a compreensão mais plena sobre estes conceitos será melhor trabalhada quando não os separamos, e entendemos o gênero como sexo, desfazendo assim a relação do sexo com fatores unicamente ligados ao contexto biológico.

Adentramos então no contexto educacional que, no Brasil, ainda sofre com inúmeras problemáticas dos chamados países em desenvolvimento. É evidente que este contexto social problemático não seria diferente dentro das escolas, uma vez que refletem minuciosamente os aspectos da sociedade em geral, como por exemplo as desigualdades de gênero.

Porém, também é claro que a escola pode (e deve) fazer algo diferente para que estes estigmas perante as questões de gênero ao menos sejam refletidas por todos aqueles que fazem parte deste contexto. O problema é que a escola certamente não está preparada para tal feito, uma vez que problemas advindos de décadas e até séculos anteriores ainda persistem em estarem presentes nas salas de aula. Um retrato clássico deste processo são os próprios recursos em que a escola se utiliza para contemplar uma educação de qualidade, tendo em vista que esta deve ser a missão primordial. Todavia, quando falamos em qualidade não estamos nos referindo apenas ao viés estudantil para a formação de profissionais capacitados, mas de indivíduos conscientes e que também possam fazer diferença dentro do contexto social tão problemático que vivemos atualmente.

Sobre isso, Louro (1997) declara que:

Os livros didáticos e paradidáticos, têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais.

Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos. (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades “características” de homens e atividades de mulheres. [...] A separação de meninas e meninos é, então, muitas vezes estimulada pelas atividades escolares, que divide grupos de estudos ou que propõe competições [...] (p. 74-79).

Numa sociedade onde o feminicídio cresce gradativamente e em pleno ano de 2019 uma mulher é morta a cada duas horas vítima da violência, a escola jamais pode se abster a trabalhar estes aspectos de gênero em que os estudantes estão cada vez mais envolvidos e propícios neste âmbito. Este trabalho deve ocorrer desde cedo, ainda quando crianças. No entanto, é no ensino médio que o debate necessita ser intensificado, uma vez que a fase da adolescência é de extrema importância e irá refletir diretamente nos futuros indivíduos presentes em todos os lugares.

A Educação Física, se trabalhada de maneira consciente e correta, pode ser uma ferramenta crucial na vida desses jovens, tendo em vista ser uma disciplina muitas vezes prazerosa e libertadora para os adolescentes. Por atuar diretamente com o corpo, ela possui um papel fundamental quando estamos tratando de questões de gênero, e os alunos precisam vivenciar.

O debate de gênero não é um conteúdo específico da Educação Física e provavelmente não será, no entanto, ele pode ser trabalhado no que conhecemos como os temas transversais ou unicamente transdisciplinaridade. Esta temática, resumidamente, adentra em conhecimentos sociais externos que muitas vezes são esquecidos pelos professores nas suas disciplinas, levando os alunos a buscar um pensamento mais crítico de acordo com as questões envolvidas nas aulas. São exemplos de possíveis temas transversais: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, trabalho e consumo, orientação sexual, saúde e inúmeros outros que podem ser relacionados.

De acordo com Darido e Rangel (2005):

Colocado de outra maneira, os temas transversais são os grandes problemas da sociedade brasileira que o governo e a sociedade têm dificuldade na condução de soluções e que, por isso, encaminham para a escola a tarefa de tratar desses aspectos. Esses podem e devem ser trabalhados por todos os componentes curriculares, logo, sua interpretação pode se dar entendendo-os como as ruas principais do currículo escolar que necessitam ser atravessadas/ cruzadas por todas as disciplinas. (p. 85).

De acordo com os PCNs, que propõem os objetivos primordiais da educação, além de promover o exercício da cidadania, “há questões urgentes que devem necessariamente ser tratadas, como a violência, saúde, o uso dos recursos naturais, os preconceitos, que não têm sido diretamente contemplados por essas áreas [as disciplinas que compõem o currículo]. Esses temas devem ser tratados pela escola, ocupando o mesmo lugar de importância” (BRASIL, 2000, p. 25).

É interessante ressaltar que não se deve tratar os temas transversais apenas por eles mesmos, sem que haja qualquer vínculo com os conteúdos propostos nas aulas de Educação Física. Eles precisam sempre estar relacionados com os ideais da própria disciplina, não precisando ser expostos diretamente no momento das aulas, sempre procurando orientar na subjetividade dos alunos.

As questões de gênero estariam dispostas e podem ser trabalhadas em qualquer âmbito da disciplina, porém, elas estão dispostas mais precisamente no tema transversal descrito nos PCNs como orientação sexual, que para Darido e Rangel (2005, p. 93-94) “A Educação Física se aproxima desse tema a partir do momento em que privilegia o uso do corpo, ou a construção de uma “cultura corporal” cujos valores sobre beleza, estética corporal e gestual aparecem frequentemente, assim como as questões de gênero e da co-educação.”.

É evidente que este processo só irá ocorrer satisfatoriamente na escola caso haja a ação efetiva do docente. O professor possui papel essencial neste trabalho, não podendo, em nenhum motivo, deixar de abordar questões que abordem gênero e sexualidade ou quaisquer que sejam os temas transversais com os alunos, uma vez que são assuntos importantíssimos e que devem ser cada vez mais problematizados por todos os envolvidos no processo educacional.

É nesse aspecto, que as autoras também apontam possíveis caminhos e resoluções para o professor nas aulas de Educação Física. Para elas, o docente pode:

Identificar as atitudes preconceituosas, pois as aulas de Educação Física (que, na maioria das vezes, são mistas) também se encontram repletas de situações ligadas às relações de gênero, ou seja, a construção social e cultural do masculino e do feminino. Os valores preconceituosos são explicitados nas atitudes cotidianas dos alunos. [...] Nesse sentido, o professor precisa estar atento e deve estimular a reflexão sobre a relatividade das concepções associadas ao masculino e ao feminino, o respeito mútuo entre os sexos e o respeito às muitas e variadas expressões do feminino e do masculino. A concepção de co-educação deve estar realmente presente nas aulas, assim, meninos e meninas deveriam vivenciar as mesmas práticas, discutindo e entendendo a questão das diferenças e buscando as melhores soluções. (DARIDO e RANGEL, 2005, p.94).

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A pesquisa em questão é de caráter descritivo, de cunho qualitativo e de campo, tendo como instrumento inicial utilizado para a coleta de dados questionários online da plataforma Google Forms®. A amostra foi do tipo intencional, composta inicialmente por 35 estudantes do ensino médio da cidade de Juazeiro do Norte – CE, todos da rede pública de ensino.

Por se tratar de um estudo ainda em andamento, novos dados estão sendo coletados e analisados, para que um número significativo de estudantes adentre na pesquisa e os objetivos primordiais sejam atribuídos de maneira mais abrangente no que se refere ao campo do trabalho.

O questionário foi disposto com perguntas referentes apenas às questões da masculinidade e feminilidade nas aulas de educação física que os estudantes vivenciam atualmente, respondidos de maneira anônima e apenas com a diferenciação do sexo biológico, para que comparações sobre a visão de ambos com relação ao tema proposto fossem exploradas e atribuídas à pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os questionários propostos para a coleta de dados da pesquisa adentraram nas questões de gênero que envolvem aspectos da masculinidade e feminilidade nas aulas de Educação Física e na sociedade em geral. No entanto, por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, este resumo traz mais detalhadamente a contextualização de algumas perguntas que envolveram o viés da Educação Física na escola.

Dividimos os resultados abaixo com: a pergunta propriamente dita, os resultados adquiridos e possíveis discussões com relação ao tema.

Pergunta 6: “Você considera necessário trabalhar questões de gênero que envolvam possíveis diferenças entre o homem e a mulher nas aulas de Educação Física? Se sim, por que acha importante?”. Notou-se aqui uma distinção entre os sexos nas respostas: enquanto uma boa parte das meninas considerou o trabalho das questões de gênero necessário nas aulas de Educação Física, a resposta negativa prevaleceu entre os meninos.



Pergunta 7: “Nas aulas de Educação Física da sua escola, questões de gênero são ou já foram trabalhadas? Se sim, de qual maneira?”. As respostas para esta pergunta foram quase sempre as mesmas: não. Não adianta cobrarmos dos alunos respeito e que se adequem às igualdades de gênero quando estas nem sequer são vistas por eles durante as aulas. Muitos professores se adentrariam aqui no viés de currículo, mostrando não ser um tema advindo dos projetos das escolas, no entanto, pode e deve ter autonomia suficiente para saber que trabalhar esse tipo de temática é tão necessário quanto uma responsabilidade da docência.

Pergunta 8: “ Nas aulas de Educação Física da sua escola, ocorrem diferenças entre meninos e meninas ou ambos são tratados igualmente durante as aulas?”. Apesar desta pergunta não ter sido aberta para uma discussão maior, os resultados apresentados já eram esperados: mais de um terço dos envolvidos afirmou que há sim distinções entre ambos os sexos nas aulas de Educação Física.

Pergunta 9: “Você acha que o tratamento de meninos e meninas deve ser igual durante as aulas de Educação Física? Por quê?”. Pergunta 12: “Na sua opinião, a prática da Educação Física deve ser realizada apenas por meninos, apenas por meninas ou ambos os sexos?”. Apontamos estas duas perguntas juntas por apresentarem resultados quase idênticos: a grande maioria dos estudantes relatou que deve haver sim um tratamento igualitário entre ambos os sexos biológicos e todos, sem exceção, afirmaram que ela deve ser praticada por ambos. No entanto, estas respostas confrontam e podem se contradizer com as próximas perguntas.

Pergunta 13: “Você acha que as aulas de Educação Física poderiam ser separadas entre meninos e meninas?”. Apesar de estarmos falando de uma minoria, precisamos destacar que alguns alunos, de ambos os sexos biológicos, relataram que se houvesse essa separação, as aulas seriam mais satisfatórias e poderiam apresentar resultados melhores.

Pergunta 14: “Por que você acha que muitas meninas ainda se excluem das aulas de Educação Física?”. Diversas foram as respostas para esta pergunta, no entanto, algumas apareceram com mais frequência: medo dos meninos, não gostar da prática da atividades físicas, piadas e atitudes preconceituosas vindas dos meninos, machismo e preguiça.

Não adentraremos muito em discussões mais abrangentes neste recorte. A intenção aqui é apresentar os primeiros resultados da pesquisa e observar, ainda num pequeno público, o quão problemática está sendo a educação e a Educação Física quando estamos tratando das relações de gênero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que, atualmente, estes resultados não assustem muitas pessoas por se tornarem cada vez mais comuns, ainda assim é muito preocupante o que eles podem representar hoje e futuramente. É fato que a escola tem uma relevância direta nestas conclusões, pois são elas que mostrarão os caminhos iniciais por onde a educação vai se desenvolver. No entanto, destacamos aqui o papel que o professor deve ter perante essas questões. Se o docente aguardar a escola mudar completamente e seguir outros caminhos para a busca da melhoria completa do sistema educacional brasileiro para que este possa agir e tratar de temas sociais que são importantes nos dias atuais, podemos constatar facilmente que esta ação demorará anos ou nem sequer acontecerá.

Importante também seria se todo professor de Educação Física soubesse o poder que tem nas mãos com as suas aulas. Não há qualquer outra disciplina que possa abordar tantas temáticas e problemas atuais tão satisfatoriamente como esta.

Não podemos nos surpreender quando observamos adolescentes com conceitos e pensamentos extremamente machistas abordando diretamente questões que envolvem as desigualdades de gênero, mas que relatam que durante suas aulas no ensino médio, e

provavelmente também nos outros níveis de ensino, estas relações nunca sequer foram mencionadas pelos professores. A intenção aqui não é mostrar como cada professor deve agir nas suas aulas, mas apresentar o quão problemático ainda é o nosso âmbito escolar para que possamos agir de maneira mais adequada em virtude do contexto social no qual estamos inseridos.

Se a intenção e o objetivo essencial da educação nos dias de hoje é a formação de indivíduo críticos, autônomos e que possam fazer a diferença na sociedade em diferentes aspectos, o mínimo precisa ser feito para que uma pequena mudança seja vista. Mas este mínimo precisa, primeiramente, ter início. O enfrentamento destas situações é preciso. Numa sociedade altamente intolerante, vinculado ao contexto social e político altamente problemático nos dias atuais, tratar de assuntos com um viés social com alunos que estão prestes a adentrarem mais profundamente em contextos mais amplos da nossa sociedade é bastante relevante e necessário.

**Palavras-chave:** Gênero. Educação. Educação Física. Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e ética.** 2000. 2. ed.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

VIANA, Cláudia; RIDENTI, Sandra. **Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito.** In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summus, 1998.